

## **ABORDAGEM SOBRE AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR EM PORTUGAL, SEUS PRINCIPAIS INDICADORES**

Senhora Ministra da Agricultura e Mar,

Senhor Secretário de Estado da Agricultura,

Senhor Secretário de Estado das Florestas e do Desenvolvimento Rural,

Senhoras e Senhores, Excelentíssimos Convidados,

Caros colegas Senhores Deputados,

É uma honra, **em nome da Comissão de Agricultura e Mar da Assembleia da República**, participar nestas comemorações do Ano Internacional da Agricultura Familiar em Portugal, que desejamos seja profícuo e repleto de oportunidades para debater e ponderar os desafios que esta agricultura tem para o futuro.

Quando a Senhora Ministra me desafiou, enquanto presidente da Comissão de Agricultura e Mar, a usar esta oportunidade, nesta cerimónia, para caracterizar e enquadrar a agricultura familiar, aceitei com entusiasmo.

Contudo, a tarefa começou por ser tornar mais difícil do que aquilo que inicialmente ponderei. Desde logo na definição do conceito de agricultura familiar.

### **Afinal, o que é Agricultura Familiar?**

- Trata-se da pequena agricultura?

- Da agricultura de subsistência?
- Da agricultura cujos membros do agregado familiar trabalham na exploração agrícola?
- Da agricultura cujo rendimento familiar depende exclusivamente da atividade agrícola?
- O conceito engloba ou não a agricultura familiar empresarial?

De facto, perante a diversidade de contextos nacionais e regionais, designadamente a dimensão das explorações, o tipo de mão-de-obra, os métodos de produção, as ligações ao mercado, a viabilidade económica das explorações e o seu enquadramento perante as constantes reformas da PAC, torna-se difícil conceptualizar a “agricultura familiar”.

A título de exemplo, a **FAO refere que esta agricultura é aquela que inclui todas as atividades agrícolas, de base familiar** e que está ligada a diversas áreas de desenvolvimento rural.

Diante deste conceito **tão vago e ambíguo**, podemos mesmo, perguntar - **no caso de Portugal - o que é que não é agricultura familiar? Ou, ainda, Quais são as explorações agrícolas que não se inserem neste conceito?**

**Ora... conhecendo nós a realidade produtiva portuguesa, muito poucas certamente! Mas já lá irei...**

A literatura do tema define como Agricultura Familiar aquela que está inequivocamente ligada - por características comuns - **com o modelo de funcionamento**, numa base em que a gestão e a mão-de-obra são asseguradas maioritariamente pelo agregado familiar.

Contudo, o conceito de agricultura familiar e de pluriactividade foi evoluindo, acompanhando as mudanças sociais ocorridas em Portugal, desde meados dos anos 60 até ao princípio deste século.

Os diferentes modelos agrícolas que prevaleciam na década de 60 são distintos dos atuais, e **factores exclusivos atribuídos tradicionalmente à agricultura familiar deixaram de o ser**. Desde logo, pela revisão e incorporação de ideias novas de racionalidade económica e mercantilista.

Por outro lado, o modelo dualista, **composto por oposições territoriais - Norte/Sul - característico da realidade rural e agrícola da sociedade portuguesa**, foi também ultrapassado, dada a sua simplicidade de análise.

Na verdade, a **diferenciação entre agricultura familiar predominante a Norte por oposição à agricultura de tipo patronal dominante a Sul, é hoje um quadro do passado**.

Apesar das diferenças, ainda salientes, ao nível da estrutura fundiária entre as zonas do minifúndio e as zonas de maior extensão, há aproximações sociológicas que -

apesar de tudo - não deixam identificar, **com nitidez**, a predominância da agricultura familiar, através deste modelo dualista.

### **A verdade é que o mundo rural evoluiu e mudou.**

Em menos de quarenta anos, passámos a viver-se numa sociedade muito diferente.

No caso da agricultura, embora tenham ocorrido mudanças profundas, há características que são específicas da identidade agrícola. **Há portanto, e em geral, diferentes agriculturas familiares, consoante os países e as regiões.**

De acordo com as estatísticas oficiais do INE, de 2009, é possível caracterizar – entre muitos outros – 6 (meia dúzia) traços gerais:

- -Uma população agrícola familiar constituída por 793 mil indivíduos, formada pelo produtor agrícola e pelos membros do seu agregado doméstico - **quer tenham trabalhado ou não na exploração** - correspondendo a 7% da população residente de Portugal;
- Nas regiões de Trás-os-Montes e Beira Interior, **onde o peso social da agricultura é maior**, a população agrícola familiar representa 36% e 22%, respetivamente;
- Em Portugal, os produtores singulares autónomos, **que podemos associar à “agricultura familiar”**, representam 95% do total das explorações agrícolas, correspondendo a 58% da SAU, enquanto as sociedades - embora só sejam 2,2% das explorações - ocupem 26% da SAU;

- Em termos médios, o **Recenseamento Geral Agrícola**, indica-nos que a população agrícola familiar é mais velha e menos instruída do que a população residente em geral, **em linha com o que se verifica com a população agrícola total**;

**De facto, em Portugal, 18% dos cidadãos têm 65 ou mais anos de idade, enquanto no meio rural essa percentagem sobe para os 33%. Por contraposição, 41% dos cidadãos têm menos de 35 anos, descendo para 23% quando se considera apenas a população agrícola.**

- O tempo de trabalho agrícola por indivíduo apresenta grandes discrepâncias regionais, originadas **quer** pelas diferentes necessidades de mão-de-obra nos vários sistemas produtivos **quer** pela variabilidade da dimensão das explorações, sendo a eficiência do trabalho **manifesta e naturalmente** superior nas maiores explorações. Porém, em termos médios, a população agrícola familiar trabalha 15 horas por semana (0,37 UTA) na exploração;
- As regiões de Entre Douro e Minho e a Beira Litoral destacam-se pela maior mão-de-obra agrícola familiar, pois aliam à predominância da pequena dimensão sistemas produtivos muito exigentes, designadamente na pecuária intensiva e na viticultura.

Senhoras e Senhores Convidados, **Perante estes números, o que podemos concluir?**

**Atrevo-me a identificar 5 ideias genéricas.**

1. Que agricultura familiar se confunde com agricultura nacional.

2. Que há muitas “agriculturas familiares”: elas são pequenas, médias e algumas até grandes.
3. Que ela **não depende exclusivamente da mão-de-obra familiar, nem o seu rendimento é exclusivo** da atividade agrícola.
4. Que compreende diferentes modelos agrícolas, **em função da estrutura fundiária e da região territorial**, abrangendo uma enorme diversidade cultural.
5. Que o papel dos pequenos e médios agricultores familiares **foi crucial no desenvolvimento e crescimento do setor agrícola**, porque acompanhou a evolução tecnológica e beneficiou de apoios comunitários (**embora se saiba que a PAC nunca privilegiou as agriculturas do sul da Europa**).

**Um dos exemplos de maior sucesso nacional é o caso do leite.**

**A evidência é que o grande aumento da produção de leite, verificado em Portugal,** deveu-se fundamentalmente aos pequenos agricultores familiares do Noroeste, tendo sido acompanhados por um forte e diversificado processo de transformação tecnológica.

Há 20 anos: 80 mil produtores de leite obtinham 1 milhão de toneladas por ano; atualmente, 7 mil e 800 produtores – ou seja, menos de um décimo daqueles que existiam há 20 anos – conseguem produzir 2 milhões de toneladas.

**A produção global no setor do leite duplicou e a produtividade por agricultor aumentou mais de 20 vezes.**

Este sucesso insere-se em teses abordadas já na década de 80 (do século passado), onde se destacava **a necessidade de dotar os pequenos e médios agricultores familiares de tecnologias apropriadas aos seus diferentes condicionalismos.**

Para que este dinamismo técnico e produtivo fosse tão relevante contribuíram 3 tipos de factores:

- 1) O financiamento nacional e comunitário a estas explorações;
- 2) A incorporação de tecnologias de ponta; **(e, sobretudo)**
- 3) A organização entre os produtores.

Caros Convidados, Senhora Ministra,

**Infelizmente este êxito – como é amplamente reconhecido - não se repete por toda a pequena agricultura familiar.**

A **reconversão da agricultura minifundiária** apresenta ainda, condicionalismos sociais e económicos que constituem grandes desafios para os próprios, **mas também para as políticas públicas.**

A forte pressão demográfica, a agricultura a tempo parcial, o preço do factor “terra” e o regime de herança igualitária, são considerados factores bloqueadores da reestruturação fundiária, determinantes nas zonas do litoral norte e centro.

A estes fatores acresce a dificuldade no acesso ao crédito, no acesso a seguros agrícolas mais baratos e na resistência à organização entre produtores.

Senhora Ministra, Senhoras e Senhores Convidados,

Este **Ano Internacional da Agricultura Familiar** deixa-nos este desafio: debater, ponderar e delinear quais as políticas públicas adequadas ao futuro da agricultura familiar, em Portugal.

- Que incentivos e apoios tem a política pública para oferecer à agricultura nacional e conseqüentemente à agricultura familiar?
- Quais os mecanismos que poderão contribuir para superar os principais obstáculos à viabilidade destas explorações?

**Este é o desafio que endereço amigavelmente à Senhora Ministra da Agricultura e ao Governo de Portugal.**

Que saibam encontrar, com engenho e mestria, no seio da política agrícola comum - mas também internamente - as melhores medidas para este tipo de agricultura, que a FAO classifica como uma solução importante no combate à pobreza e à fome, contribuindo para um desenvolvimento sustentável.

Senhoras e senhores, muito obrigado pela vossa atenção.